REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 232

1 DE JUNHO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

A VICTOR HUGO

VICTOR HUGO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

CHRONICA OCCIDENTAL

Não conheço nada mais difficil hoje, do que escrever a respeito de Victor Hugo.

Quando a lugubre noticia da sua morte se espalhou rapidamente pelo mundo inteiro, caíram de todos os lados enormes avalanches de artigos, um diluvio de homenagens funebres em estylo vario, inundou por toda a parte as folhas periodicas, e creio que não ha no mundo homem que escreva e homem que rabisque, que não tenha feito alarde em melhor ou em peior prosa, em verso mais eloquente ou mais chôcho, da sua saudade pelo grande homem que morreu em França, da sua admiração pelo grande genio que viverá eternamente na historia.

Depois de tudo isto, depois de ha mais de oito dias a morte de Victor Hugo ser chorada em todos os estylos, e da sua obra collossal ser apreciada por todos os criterios que fazem opinião ou no mundo, ou no seu paiz, na sua cidade, na sua aldêa, na sua redacção ou na sua casa, o que se ha de escrever ácerca d'esse grande e querido morto cujo desapparecimento fez no universo o ruido enorme de uma catastrophe medonha e inesperada?

Victor Hugo homem, Victor Hugo politico, Victor Hugo poeta, Victor Hugo philosopho, Victor Hugo romancista, Victor Hugo auctor dramatico, está estudado sob todas as suas phases, está apreciado sob todos os prismas do seu complexo e collossal talento; e está estudado de ha muito, porque Victor Hugo era tão grande, tão grande, que mesmo em vida se lhe conheciam as dimensões collossaes.

No homem trahia se o Deus, como n'aquelles formosas deusas pagãs de Virgilio se denunciava, pelo andar, a divindade.

Antes de morrer, Victor Hugo era já immortal, era-o ha muito tempo, e por isso as apotheoses extranhas se erguiam aos seus pés, como se fosse em torno de uma d'essas estatuas celebres em que o talento do esculptor reproduz á admiração dos vivos o vulto dos heroes que passaram, por isso a sua morte — a morte de um velho de 83 annos — foi uma surpreza inesperada para todos como se se tratasse da morte imprevista de um Deus que a crença universal fizera Eterno.

Era tão sobrehumano Victor Hugo, tão sobrehumano pelo seu genio e pela sua gloria que todos nós nos tinhamos esquecido de que elle pertencia á humanidade.

A morte veio lembrar-nos isso, veio chamar-nos á realidade, veio dizer-nos com a sua eloquencia despedaçadora que esse immortal glorioso era um simples mortal como nós, que as leis da materia são fataes, porque a ellas ninguem foge, são perfeitas, porque não tem excepção, são tão implacaveis que até obrigaram o espirito humano, esse espirito indefinido e infinito, quando quiz crear, para satisfazer as suas aspirações immateriaes, uma religião immortal o ir basear essa religião sobre o cadaver de um homem que era Deus, mas que, mesmo Deus, teve que morrer como homem!

Mas esse momento da morte foi apenas um parenthesis breve na immortalidade gloriosa de Victor Hugo.

Desceu da sua gloria resplandecente um momento apenas para ser homem; a morte passou rapida sobre aquella fronte aureolada pelo genio e a immortalidade continuou a pairar sobre ella, serena, resplandecente, gloriosa!

E Victor Hugo vive eternamente na sua obra gigante, como Dante vive na *Divina Comedia*, como Gœthe vive no *Fausto*, como Camões vive nos *Lusiadas*, como Christo vive no Evangelho!

No parlamento francez, no dia em que Victor Hugo morreu, disse-se que a morte do grande poeta era um luto nacional.

O parlamento foi modesto, ou antes, foi orgulhoso. Quiz monopolisar para a França a gloria de Victor Hugo, monopolisando o seu luto.

O luto de Victor Hugo é um luto universal, como a sua gloria não era uma gloria da França, era uma gloria da humanidade.

E tanto é assim, que, caso unico no nosso seculo, como unico no nosso seculo foi esse gigante sublime do pensamento humano, todo o mundo toma parte nos seus funeraes, todas as nações, todos os povos, mandam delegados a essa cerimonia extranha, que não tem a tristeza lugubre do enterro de um homem, mas sim a radiosa alegria festiva da apotheose de um Deus.

E a França comprehendeu bem que um homem que tão differente foi na vida do resto dos homens, não lhes podia ser egual na morte; que essa existencia que foi durante oitenta e tres annos uma gloria extranha, não podia ter por epilogo a sentimentalidade trivial que amortalha em lagrimas os pobres mortaes que desapparecem na cova, e como lhe fizera da vida uma apotheose, fez-lhe da morte uma ressurreição!

VICTOR HUGO

Victor Hugo, que em 1825 dizia tristemente a Lamartine:

> *Ah! nous ne sommes plus au temps où le poete*
> *Parlait au ciel en prêtre et a la terre en prophète,*

obrigou o seu tempo, meio seculo de sciencia e de revoluções, a venera-lo como um sacerdote e a ouvil-o como um propheta. O seu grande coração exercia o sacerdocio do Amor e do Bem; o seu genio prophetisava o reinado da Justiça e da Verdade. Depois de Voltaire, não houve escriptor que fosse mais escutado pela civilisação moderna, apesar de quasi ensurdecida pelas machinas e pelas tribunas; mas Voltaire era a colera e o sarcasmo da razão, e Victor Hugo foi a generosidade e a doçura do sentimento. Um demolia os falsos deuses crueis do passado; o outro creava, como Orpheu, deuses novos para o culto da alma e da sociedade. O seculo XVIII teve o philosopho de Ferney para lhe despertar a consciencia da liberdade do espirito; o seculo XIX teve o proscripto de Guernesey para lhe não deixar adormecer a consciencia moral. Voltaire dizia ás gerações: pensae! porque o pensamento era a revolução; Victor Hugo disse-lhes: amae! para que o amor rematasse a obra das revoluções já feitas e désse impulso ás evoluções por fazer. Completaram-se pois, como a misericordia do vencedor completa a victoria, e ainda mais como a educação dos sentimentos aperfeiçoa a educação da intelligencia.

Não ha n'esta apreciação as exaggerações banaes do necrologio. Esse velho, que a humanidade inteira respeitava como um patriarcha, empregou sessenta e tres annos de trabalho do genio em ensinar, aconselhar, celebrar, com uma voz que se ouvia no mundo inteiro, — a grande voz da Arte, — todas as idéas e todas as inspirações generosas, todas as virtudes particulares e civicas, todas as dedicações altruistas, todas as heroicidades nobres; essa voz musical, agora carinhosa como beijo de mãe, logo retumbante como um trovão do Sinai, repercutindo-se nos corações e nos cerebros, nos lares e nas praças publicas, foi, portanto, na nossa sociedade uma força moral, que recorda a que exerciam os vates sacerdotaes na Grecia e na Germania, ou os prophetas entre o povo de Israel. Se o não foi, se as obras de Victor Hugo, com a publicidade prodigiosa que lhe deram a admiração universal pelo auctor e a diffusão da lingua franceza, decoradas pelas mulheres e pelas creanças, cantadas pelo povo, meditadas pelos pensadores, não actuaram sobre a alma das gerações contemporaneas, então podem todos os escriptores quebrar a penna por inutil, todos os oradores sellar os labios por importunos: se um astro de tanta luz luziu sem illuminar, ou illuminou sem aquecer, ou aqueceu sem fecundar, para que havemos nós todos de accender as nossas lanternas e ateiar os nossos brazeiros?

Victor Hugo — e está n'isto a verdadeira superioridade que lhe grangeou a apotheose, — passado o periodo em que se occupou principalmente de fixar a revolução romantica e estampar n'ella a sua individualidade, raramente cultivou a Arte pela Arte. Um jornal de Londres, noticiando ha dias a sua morte, qualificava-o conceituosamente como: senador, poeta, dramaturgo, romancista, publicista e *amigo da humanidade*. Dizia bem: o ser *amigo da humanidade* era como que um exercicio profissional das suas faculdades, porventura o mais constante e o que subordinava toda a sua actividade litteraria ou politica. Amigo de todos os fracos e de todos os opprimidos, de todos os soffrimentos e de todas as miserias, dos justos e dos martyres, dos pobres e dos ignorantes, dos innocentes e dos remidos. No Sermão da Montanha, Jesus prometteu a bemaventurança a todos os infelizes da terra; Victor Hugo, não tendo para lhes dar a immortalidade do ceu, dava-lhes a immortalidade das creações do genio. Bemaventurada Fantine, que tinha fome; bemaventurado Valjean, que padeceu sêde de justiça; bemaventurado o triste Gwinplain, que só conhecia o riso da mutilação: o Mestre saciou-vos de compaixão, de gloria, de admirações, no reino povoado de espiritos sublimes que edificaram os seus versos de ouro e a sua prosa de bronze! As obras de Hugo são cantos soltos d'uma epopéa mystica do Bem. Como a velha poesia da Grecia e de Roma creou uma legião de heroes do amor patrio; como a poesia do christianismo compôz um agiologio de heroes do amor divino; Victor Hugo formou um cyclo de heroes do amor humano, de martyres da virtude e da honra, de cavalleiros andantes da justiça e da liberdade, para o offerecer á sympathia e á imitação das almas generosas e enthusiasticas.

Mas a sua epopéa era tambem um Evangelho, com um capitulo a mais, consagrado á patria. Não se apavorem as almas piedosas por ter morrido mal com a Egreja o auctor das *Odes*; viveu sempre bem com o Christo. Victor Hugo era entranhadamente christão, na arte, na moral, na politica, apesar das tendencias pantheistas do seu philosophismo. A torrente mais copiosa da sua inspiração jorrava espumante das cumiadas do Golgotha, e atravessava a edade media espelhando as ogivas dos templos como as grimpas dos castellos roqueiros; ao chegar á edade moderna, porém, recebendo as frescas fontes da liberdade, da sciencia, da democracia, espedaçava as represas da fé, da tradição e da moral catholica, e espraiava-se n'um vasto lago, em que se reflectia toda a civilisação hodierna com as suas crenças e duvidas, illusões e esperanças. Mas na massa das aguas do lago lá estavam dissolvidas as lagrimas d'amor choradas por Jesus. O amor universal era a raiz da moral de Victor Hugo: d'essa raiz rebentavam as doutrinas humanitarias, as utopias philantropicas, a infinita misericordia e a inexgotavel caridade do seu apostolado litterario. Ha cantos, paginas, acções até, do grande homem a quem a França chamou Mestre, que parecem paraphrases, rhapsodias, copias, das palavras e dos exemplos do outro, do verdadeiro, do divino Mestre. O poeta que supplicava á sociedade que nunca insultasse a mulher caída, perola mudada em lodo que um raio de amor podia purificar, era bem discipulo do doce Nazareno que não deixava apedrejar a adultera e estendia os braços de perdão á Magdalena. O auctor da *Arte de ser avô*, o creador de Gavroche, tambem dizia do coração: *Deixae vir a mim os pequeninos*. Para os *Miseraveis* da Galiléa é que Jesus reservava as primicias da *Boa nova*; e rehabilitava o publicano, e regenerava ladrões, e depurava prostitutas, e exalçava os humildes, como Hugo santificou forçados e saltimbancos, fez heroes dos gaiatos, e consagrou as mais fervidas sympathias da sua sensibilidade e os mais vividos fulgores do seu genio aos pobres, aos transviados, aos párias. E foi, talvez, na espada de fogo com que Jesus expulsou do ceu os ricos orgulhosos, os vendilhões do templo, os phariseus hypocritas da nova Jerusalem, que o immortal pamphletario dos *Châtiments* abrazou a penna para stygmatisar os pagãos do seu tempo que espesinhavam a miseria, que traficavam com as crenças, ou que encobriam as pustulas do proprio corpo com a toga de juizes inexoraveis.

Como o seu Evangelho moral promettia regenerar as almas pelo amor universal, o seu Evangelho social aspirava a resolver todos os problemas do viver dos povos pela justiça e pela caridade. Havia n'esse Evangelho utopias que faziam sorrir desdenhosos os homens de Estado; mas, se as não houvesse, deverse lhe-hia chamar antes Codigo. Apostolar não é legislar; propagar um principio, não é realisal-o. Todos os progressos effectuados, todos os progressos promettidos ou desejados, receberam de Victor Hugo um preito de enthusiasmo, por vezes mais generoso do que reflectido. A sua predilecção pelas classes mais desvalidas, lançou-o nas illusões ou nas confusões do socialismo: um socialismo antes de desejos que de theorias, antes de sentimentos que de rasão, que se limitava a querer que não houvesse fome, nem ignorancia, nem martyrios de trabalho, nem exploração do homem pelo homem e dos povos pelos despotas. O dogma christão da egualdade e o sentimento da dignidade humana, mais por certo do que a sciencia do direito politico e as lições ou a experiencia da historia, pozeram-n'o em antagonismo com a monarchia, mórmente quando a viu restabelecer-se em França perjurando e assassinando. Accusam-n'o de incoherente, e de certo o foi; mas a incoherencia que deshonra é a da venalidade, e Victor Hugo, para ser incoherente, expôz-se ás balas, soffreu perseguições, penou saudades da patria em Guernesey, privou-se de honrarias e grandezas. No pe-

riodo da sua vida posterior a 1848, as suas convicções não tiveram um instante de desfallecimento ou de transigencia; no periodo anterior a essa data, as suas opiniões foram menos d'elle que do seu tempo e da sua sociedade. Quando Victor Hugo principiou a pensar, tinha-se desencadeado em França,— na França extenuada de revoluções e de guerras, apavorada por saturnaes e insanias do espirito anti-religioso,— uma violenta reacção monarchica e christã, que Chateaubriand e Lamartine consagravam, no mundo litterario, com a auctoridade prestigiosa do genio. Só podiam resistir a essa torrente impetuosa as personalidades robustas, a rasão amadurecida, a solida sciencia, a fria experiencia, e Victor Hugo era uma creança, creança amamentada por uma *mère Vendéenne*, e educada pelos corypheus intellectuaes da Restauração. Deixou-se, pois, arrastar; mas tanto que cobrou forças e liberdade moral para firmar os pés, e poude observar quanto lodo havia sob as aguas do mentiroso Jordão em que o haviam immergido para o baptisarem, aferrou-se para toda a vida ao rochedo, que um dia se lhe converteu no ilheu de Guernesey, e em que hoje a França republicana lhe vae talhar um Pantheon. A sua contradicção foi, pois, a da liberdade consciente do espirito com a vigorosa pressão exterior d'um momento historico.

Mas se Victor Hugo influenciou o seu seculo como moralista e publicista, deveu a influencia, essa influencia que essencialmente caracterisa os grandes homens, ao poder do seu genio, muito mais que ao da sua arte. Os processos litterarios de Hugo eram só d'elle e só para elle; o Pegaso em que voava o poeta das *Orientaes*, e de que não se apeiava nem quando ia visitar as realidades vivas da sua época, ninguem mais poude ainda cavalgal-o sem desastrosa queda no ridiculo. Dava tal grandeza aos proprios vicios da sua arte, ás antitheses caprichosas e violentas, ás ostentações de rhetorica pathetica, ao abuso do grotesco e do extraordinario, que quasi só deixou perceber que eram vicios quando a edade lhe affrouxou o vigor das concepções e lhe empobreceu as galas da imaginação. Antes, não; antes, nem a critica podia fital-o, porque offuscava, porque arrastava, como um turbilhão luminoso: o turbilhão do genio, que dominava os outros, não se dominava a si. Movida por esse genio fogoso, a penna tornava-se nas suas mãos cinzel de Miguel Angelo, e faiscava ao cortar o marmore para esculpir Carlos Magno, Napoleão, Cromwel, os burgraves; pincel de Sanzio, e no colorir a tela namorava-se de *Dona Sol*, de *Esmeralda*, de *Dea*, de *Cosette;* buril de Cellini para rendilhar prendas de amor, alaúde de menestrel para cantar balladas, orgão de Palestrina para entoar psalmos. Ou então era uma d'essas clavas com que os cavalleiros medievaes trituravam a vilanagem, e achatava *Napolèon le Petit* no seu lameiro sangrento; era raio, e assombrava o Segundo Imperio. Mas o Prometheu que animava heroes e santas, mas o artista portentoso do sublime, distrahia-se tambem, como os architectos gothicos, a lavrar grotescos, a entalhar gargalhadas, na ornamentação luxuosa dos seus monumentos; e o Titan, que combatia arrojando montanhas, descançava depois a tecer grinaldas de flores para as donzellas, e a contar historias de fadas ás creancinhas. Para a sua intelligencia não havia nada demasiado grande; para o seu coração nada era pequeno de mais; para a sua arte não existiam materiaes nem fórmas inuteis na natureza, na sociedade e na alma humana. Por isso era verdadeiramente universal: era de todos os paizes e de todas as classes; comprehendiam-n'o as mulheres e amavam-n'o os sabios; o presente faz-lhe a apotheose e o futuro hade dar-lhe uma lenda e um culto.

Mas, pertencendo á humanidade inteira, foi sempre francez, e por isso glorificou a França. Deu-lhe uma gloria que o mundo inteiro reconhece e que a ninguem affronta, a ninguem recorda uma vergonha ou um desastre; Victor Hugo devia, pois, inaugurar o Pantheon d'uma republica que nasceu do desespero d'um desastre e da dôr de uma vergonha nacional. Debaixo do arco triumphal da Estrella é que não estará bem o athaude do apostolo da paz e do amor, porque das pedras d'aquelle portico de victorias gotejam sangue e lagrimas. O arco devia ser eça e não docel do feretro, para que a apotheose do genio subrepujasse o monumento da força victoriosa, e tambem para que Deus visse pela ultima vez um dos seus filhos que mais o honraram na terra.

Antonio Ennes (assignatura)

1781

O AVÔSINHO DE JEANNE

(Necrologio dedicado aos meus dois netos) (1)

Queridas joias. — Acaba de morrer um homem que era na opinião do mundo o primeiro avô da Europa, exactamente como vós sois, na minha opiniao, os dois primeiros netos do universo.

Chamava-se Victor Hugo.

Os annos, os trabalhos, os desgostos, as lições da grande mestra consoladora da existencia, a que chamam a Arte, tinham-o feito tão bom e tão simples como se tornasse a ser creança. E todos cuidavam que elle ia recomeçar a viver, pela segunda vez, quando expirou.

—Vou morrer! disse inesperadamente.

Todos sorriram, julgando que era essa uma das formulas com que os poetas exprimem ás vezes a verdade dos sentimentos pela ficção das palavras.

Elle porém accrescentou:

— Jeanne, adeus para sempre!

E todos então choraram, comprehendendo que elle effectivamente ia morrer, porque ninguem falla á sua neta como poeta, mas sim unicamente como avô, e um avô nunca mente nem faz metaphoras

Durante a sua longa vida, este avôsinho privilegiado gosou amplamente de todas as melhores coisas que existem na terra. Teve o talento, a saude e a força, teve a gloria, teve a amisade, teve o amor, teve o martyrio, honrou a humanidade, glorificou a patria, sustentou a familia, construiu a casa, plantou a arvore, escreveu o livro; e, velho, estava-lhe reservada a consolação suprema de ir em cada primavera, ao voltar das andorinhas, com os seus amiguinhos pela mão, atravez dos campos macios de relva fresca, almoçar morangos e colher a flôr dos lilazes, ouvindo cantar no ceu por cima da sua cabeça branca os versos da sua mocidade fundidos já na grande melodia universal e constituindo uma parte das doçuras da natureza, como as barcarolas dos melros e os idylios das cotovias.

Um só desgosto, mas esse profundo, o compungia algumas vezes. Quando a mãe de Jeanne, por esta não satisfazer os seus compromissos com o *b-a-bá*, a prohibia de comer sobremeza, o avôsinho tambem a não comia.

Estavam nas fructeiras sobre folhas de fetos os perfumados pecegos de Montreuil, as doiradas uvas da Champagne ou do Médoc, e as cerejas novas de Montmorency, vermelhas e frescas como os vossos beijos. E elle, velho de mais para esperar que nascessem outros fructos, não comia aquelles!

No centro da mesa, sob o escaparate de crystal, reluzia amanteigado, ao clarão do candieiro, o ineffavel, o tentador, o corrupto Camambert. Elle via-o, deixava-o reluzir, roía a sua gula a secco, entre dentes ainda solidos e avidos, de saudavel montanhez, cruzando os braços no peito em frente do prato vasio,— esfaimado, taciturno e tragico — porque a pequena Jeanne não aprendera a lição n'esse dia!

Adorados netos — em duas unicas coisas me pareço eu com o avôsinho de que vos fallo: primeiro na força com que vos amo; segundo no fraco, de que me accuso, pelo queijo Camambert.

Não imitando Victor Hugo em mais nada, quero pelo menos aperfeiçoar-me com elle na *arte de ser avô*. Assim, queridinhos, quando a mamã vos privar da sobremeza, pensae em mim. Quer me ache nas pequenas viagens que faço em cada anno, quer tenha partido para essa viagem maior de que se não volta mais, sendo sitio onde me cheguem noticias vossas, eu serei bem castigado quando a mamã vos punir. Que represente ella, como deve, a dolorosa justiça! Eu agradecerei ao velho papá Hugo o ter-me ensinado a ser, para comvosco ao menos,— como elle foi para os seus e para a humanidade — a perenne clemencia irresponsavel e absoluta.

Ramalho Ortigão (assignatura)

1782

(1) O sr. Ramalho Ortigão tem, de sua filha Madame Eduardo Burnay, um neto e uma neta.

NOTA DO EDITOR.

NO TUMULO

Concorre a França afflicta
A vêr se elle está morto!
Quem sabe?... O mundo absorto
Espera a decisão.
Que escutem... que se assomem...
Que apalpem... tudo hesita:
Porque era aquillo um homem?
Um simples homem? Não!

30 — 5 — 85.

1783

Não ha na linguagem humana phrases bastante ricas e eloquentes com que se possa saudar — em derradeira homenagem — o radioso feretro do Mestre dos Mestres, que vae a caminho do Pantheon, seguido por todos os corações do Universo. Nenhum soberano da terra teve ou terá jámais tão pomposo cortejo.

De joelhos, o amavamos em vida; de joelhos, o adoramos morto. Morto, não: — silencioso.

E á semelhança dos antigos Gregos que ornavam de corymbos e purpuras a fronte dos que succumbiam, em plena juventude, e lhes entoavam hymnos festivaes, por os julgarem eleitos da Divindade, nós, os pequenos, os humildes, os obscuros discipulos do Sublime Mestre — magnanimo Christo da Epopéa Humana, como o foi Jesus da Divina Epopéa — devemos, n'um côro unisono, entoar, perante o jazigo que occulta a sua cabeça olympica, hosannas de gloria, canticos de delirante enthusiasmo, embora atravessados por soluços e lagrimas, porque Elle foi o Velho eternamente joven, e levou para a posteridade a sua couraça de combate, crivada dos golpes da batalha, mas toda ungida dos loiros meis da Aurora e dos verdes aromas da Primavera.

Na epopéa, grandiosa e tragica, Hugo foi o oceano; nas magias do seu ternissimo lyrismo foi um lago acarinhado de molles e tentadoras sombras; na graciosidade de suas fugitivas trovas foi a fonte alegre, gárrula e aventureira: — *Lenda dos Seculos*, *Vozes Interiores*, *Canções das ruas e dos bosques*.

Como uma floresta ideal Elle estendeu os braços — ramos de bronze e de neve — a todos os ninhos, a todas as ousadias, a todos os mysterios.

Na sua vasta alma triumphal cantou o Drama, de azas fortes; retumbou a Tragedia, de flancos heroicos; riu nervosa a Comedia agitando o arrabil travesso e sonoro; pensou o grave Romance; scismou a austera Philosophia; — e, por cima d'isso tudo, como a sombra luminosa da Providencia, a Poesia pairou, ora terrivel para affrontar o Mal e flagellar os traidores, — ora materna e santa para embalar os berços, ensinar os ignorantes, proteger as orphandades, consolar os desgraçados e vestir os nús.

O genio d'esse mortal é a gloria da Immortalidade.

Luiz Guimarães (assignatura)

1784

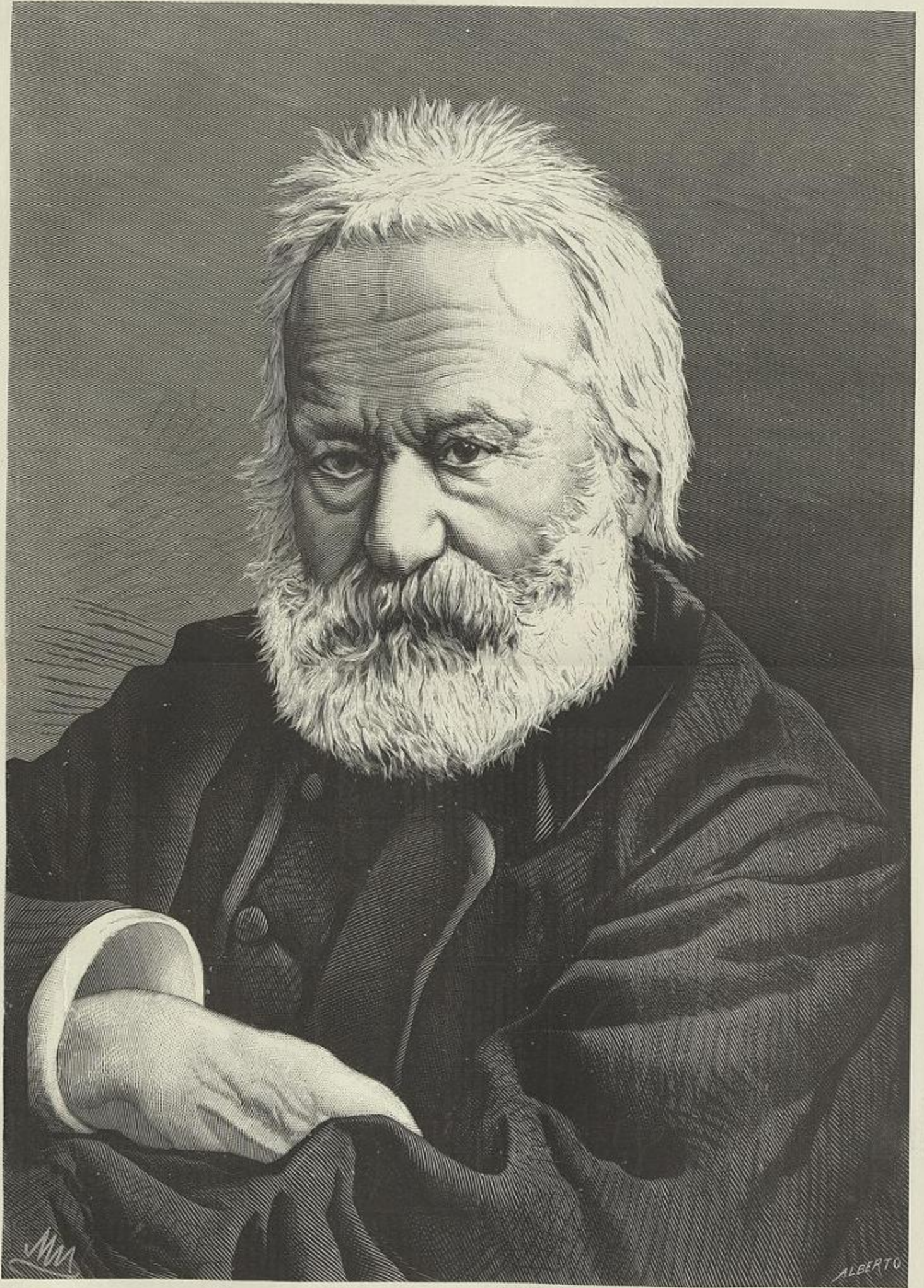
Deve ensinar-se ás creancinhas a *Vida de Victor Hugo* com o mesmo amor religioso com que se lhes ensina a *Paixão de Jesus Christo*.

Ambos amaram fervorosamente a Humanidade, ambos por ella padeceram, e ambos morreram por ella!

É o que me occorre dizer n'este momento, em que se annuncia a morte de Victor Hugo.

Alberto Braga (assignatura)

1785

VICTOR HUGO — Fallecido em 22 de maio de 1885 (Segundo uma photographia de Nadar)

Victor Hugo sob o Arco de Triumpho

Prodigiosa como a grande imaginação de Victor Hugo, foi a ideia monumental de expôr sob a abobada macissa do Arco do Triumpho, o cadaver do portentoso mestre.

Só o cerebro vivissimo de Paris podia imaginar um preito tão colossal ás cinzas do seu semi-deus!

O arco da Estrella tem inscriptos em suas bases as glorias venerandas dos heroes da nova França, e se nos titulos de cem batalhas se vêem gravados os nomes de tantas nacionalidades, essas inscripções representam perante o corpo exangue do poeta da humanidade, como que a homenagem enthusiastica do mundo inteiro á sublimidade do espirito que reviverá eternamente nas paginas refulgentes da litteratura do presente seculo.

Será por ventura a primeira vez que as nações não se sentirão humilhadas ao defrontarem-se reunidas n'aquelle monumento triumphal!

O heroe merece bem esse preito estupendo, o primeiro e unico talvez que se prestará, tão magnificente, a um poeta!

Gloria a Victor Hugo!

Porto, 29 de maio de 1885.

Manuel M. Rodrigues

1786

ULTRIX POESIS

Filho-d'algo em poesia, Victor Hugo, nos seos paços acastellados, era o maior senhor de todos os ricos-homens, que os povos sagraram poetas; elle melhor do que Homero fez narrações de batalhas; e antes melhor que o genial Shakespeare, elle destrinçou as trêdas paixões, *haut placees.*

Quando isto era de succeder, cada pagina florida de versos pedia semilhanças ás janellas de cathedraes e ás vidraças gothicas. Sob a penna vibrante do poeta, a lingua, sonora, cantava. Era de ouvir os suspiros, e a mudada voz das paixões, a textura pallida das faces, na cadencia harmoniosa do rythmo. Sob color de versos até se viam as lagrimas, e os altaneiros pensamentos arrancados aos refolhos do cerebro, avultando na anchura dos mantos mysteriosos, parece que usavam esporas de cavalleiro.

E dos mathematicos tudo explicar por linhas, numeros e lettras; elle tudo creava em imagens, allegorias e symbolos!

Era portentoso.

Todas as notas do sentimento, desde *laetitia* até *maestitia*; todas as grandezas desde *immensidade* ate *eternidade*, tudo n'um ser que oscultа em si o *quid divinum*, tudo elle cantou, em vibrações, ora toantes em gritos, soluços e tragicos pesares, ora rociadas dos alvores, ou rescendentes ás flôres campesinas. Era Job, Isaias, Homero, Eschylo, Lucrecio, Dante, Shakespeare, Molière; mas a todos se avantajou, por vibrar a nota humana. Credor de que ninguem é de cabal maldade e endurecido no crime, ou eivado nos odios immortaes; e que em todo o homem, entre muitos erros e sombras resvala sempre uma restea de luz — o bem; elle suppunha, e esperava possivel, a regeneração. D'ahi o combate sem treguas aos preconceitos, á nudez, ás agonias. D'ahi o prelio das idéas. Combatente sem pavor, viram-no intrepido após as eniquidades — a pena de morte, a guerra, o supplicio da miseria. Com ellas foi bravejante; e com o outro braço ia sobrepondo todas as grandezas do sentimento — o amor, a abnegação, e o dever.

E dest'arte elle conquistou o dominio dos tempos, levando nas mãos um sceptro, a graciosa flôr do seu genio, dourada pelo sol da sua fé profunda. Assim de toda a parte lhe accorriam vassallos, e todos em genuflexão á vista d'aquelle grande de Hespanha, em poesia. Todos. Muitos vieram appellidal-o Hugo-Dante, ao escrever *Claudio Geux, Nossa Senhora de Paris, Os Miseraveis, 93*; outros Hugo-Virgilio, quando deu á publicidade as *Folhas do Outomno*, as *Contemplações*, e mais tantos a chamarem-no Hugo-Shakespeare, quando avultou á luz do proscenio os heroes-idéas, que immortalisaram seus dramas. Para nós, sobre aquelles e sobre tudo é e foi Hugo-humano, isto é, Victor Hugo. Como tal, nem até na sciencia da governação dos povos o podemos considerar differente. Elle não foi voluvel em politica. Poeta, foi sempre a alma e o suspiro da multidão. Esta é que muda; não a sua lyra. Os grandes genios tem este molde. Só os rhetoricos, infalliveis, invariaveis, são pedagogos. Os genios immarcessiveis são a voz grandiloqua de todas as paixões, que revolvem as gentes na questura do bem

Emfim foi grande; e tanto, que sómente escrevendo de Ignez de Castro, elle não poude exceder Camões.

*
* *

Agora já as mães não virão offerecer-lhe seos filhos a beijar. Sacerdote, elle tambem, não sagrava impondo as mãos, senão impondo os beiços. É que dos labios sae a voz, a palavra, que é o molde ou antes a modulação de pensamento!

*
* *

«Victor Hugo? Mais c'est tout un monde; n'en parlons plus!»

Luiz Jardim

1787

Passa por desgraça não saber a gente conhecer-se. E se uma pessoa se conhecesse não seria maior desgraça ainda? Com que abatimento de animo a penna nos cahiria dos dedos, se proporcionassemos bem a elevação assombrosa em que nos fica o genio excepcional, que, das pedras que levantava da rua fez diamantes, e, em cada um, dos themas que agitam a humanidade, pôz um facho de luz?!...

Julio Cerqueira Machado

1788

VICTOR HUGO

O ultimo imperador de França vendo n'um livro do poeta, esculpidas em fogo, estas palavras: *Napoleão o Pequeno*, chamou-lhe por zombaria: *Victor Hugo o Grande.*

Pois bem. Essas palavras que eram a fórmula da vingança d'um adversario são hoje a fórmula da consagração universal.

Porquê? Porque n'essa montanha dos seculos, para cujas cumiadas olhamos cá de baixo assombrados e attonitos, na nossa pequenez, nunca foram mais em cheio illuminadas pelo sol da gloria estas grandezas reunidas: a pujança no cerebro, a bondade no coração, a honra no caracter.

Desde esse glorioso dia 26 de fevereiro de 1802 em que nascia em Besançon uma creança rachitica e enfesada até ao dia religioso da sua morte, não foi a existencia de Victor Hugo, sempre accidentada, ora combatida, ora triumphante, senão a justificação immortal d'aquelle titulo: *Victor Hugo o Grande.*

Cada phase da sua vida, cada desdobramento da sua intelligencia, cada ramificação do seu genio, cada manifestação do seu caracter, só em obra de folego pode ter condigna apreciação.

Que poderiamos dizer, se quizessemos seguil-o n'esta vida tempestuosa, n'este trabalho de Hercules, para o qual mal chega a comprehender-se o curto periodo de 83 annos! Victor Hugo nasceu com o seculo, e entre os seus versos celebres aquelle que n'um livro immortal principia assim:

Ce siècle avait deux ans...

e aquelle do *Année Terrible*

Ce siècle est à la barre et je suis son témoin

desbobram-se prodigiosamente as suas luctas de innovador, as suas batalhas litterarias, os seus martyrios, as suas glorias formidaveis.

N'este ultimo quartel do seculo, hoje, que ainda está quente o seu cadaver, olhamos o edificio que elle construiu desde a base até ao cume e lá em cima, no topo, vemos, cheio de magestade, dominando tudo que o cerca, erecto, sereno como uma estatua, o seu vulto venerando, ante o qual não passa o Homem sem se descobrir reverente.

É que n'esse vulto dominante que, pelo genio abrange o Universo e pelo coração vive na Humanidade, ella vê condensada toda a obra d'Elle, como se no bronze em que fundiu a estatua do gigante, estivessem impressas as manifestações multiplas d'essa vida gloriosa.

Vê a creança, expirante quasi logo depois do nascimento, que os canhões de Napoleão pareciam querer annunciar ao mundo, como se precisasse de um baptismo de fogo o espirito que n'esse momento ia nascer para a lucta. Vê o pequeno Victor, ainda imberbe, impressos ainda na face os beijos maternos, cantar em odes enthusiasticas os heroes da Vandéa, obedecendo á influencia que lhe ia deixando no espirito o amor de sua mãe. Vê depois o admirador ardente de Napoleão, de que seu pae era um dos mais valentes caudilhos, e d'ahi até ao remate da sua obra, vê sempre o poeta extraordinario, que não deixou de visitar nenhum recesso do coração humano, para quem a arte nunca teve um segredo, nem o pensamento uma nuvem, nem a honra uma transigencia. Vê o cinzelador impeccavel, o mais poderoso artista da fórma, o pensador austero, o poeta maravilhoso dos arrojos e das antitheses.

Vê o apostolo supremo da Humanidade, o vingador sublime dos *Châtiments*, o defensor vehemente dos miseraveis, o heroico exilado de Guernesey. Quando o fita em cheio, a sociedade moderna, é como se n'um espelho visse reflectidas todas as paixões que a dominam: o amor, as vibrações intimas, o odio mais nobre, a dôr mais augusta. Toda a sensibilidade da alma humana, todos os sacrificios da virtude, todas as irradiações da poesia, todos os relampagos do genio, toda a magestade dos seculos, parecem emfim, fundir-se e completar-se na organisação extraordinaria d'este homem, que tendo sahido ha muito dos dominios da critica, acaba de entrar magestoso e immortal nos da Apotheose!

Jayme Victor

1790

HUGO

Rasgou-se de alto a baixo o azul do firmamento
estremeceu a terra em forte convulsão,
em crepes occultou o sol o seu clarão,
ao rapido morrer do genial talento...

Não vêdes que ao fugir deixais no mundo, exangue,
toda uma geração envolta na desgraça,
e cujo craneo é o mixto d'algum sangue...
e de nervos inuteis... e de ossos... e de massas?!...

Alevantar o vôo a aguia do talento,
deixando a estremecer a terra em convulsão?!...
— Foi como que arrancar em vida o coração!
foi derrubar p'ra sempre o que era Pensamento!

26 — 5 — 85.

Augusto de Lacerda

1791

VICTOR HUGO

Morreu, dizem. Repete-o essa enorme clareira para sempre ahi aberta na floresta, que o carvalho gigantesco, na sua collossal grandeza, toda inteira inda hontem assombrava.

«Não: vive, vive sempre» deslumbrados da sua obra immortal, uns aos outros irão sempre repetindo os seculos.

«Morto!»—Repete na sua funebre mudez, quêda, adormecida, como phantastica abobada de crystal para sempre alli suspensa, a magestosa catadupa, que, uma noite ao despenhar-se, o nordeste frio da morte de um sopro deixou gelada.

Não; vivo, sempre vivo; nas vagas que formou enormes, cadenciadas, mansas umas e reluzentes d'estrellas e d'auroras, revoltosas outras e brutas e medonhas escancarando abysmos e trovejando horrores, vivo sempre vivo o zorro da caudal lá vae inda, de seculo em seculo irá sempre, mar sem fim, por todo esse oceano do porvir.

*
* *

Elle phantasiou um dia para um suicida esta morte monstruosa.

Sobre o rochedo de Gild-Holm-Ur em uma especie de *fauteil*, que um capricho da natureza alli cavou e que duas vezes por dia é coberto pelo mar, Gilliat sentado ahi na hora em que a maré vae cobrir o rochedo, espera resolutamente a morte em quanto ao longe se vae affastando o navio, que para sempre lhe arrebata Déruchette. Alli, pregados os olhos na longiqua vela, que pouco a pouco se ia esfumando na distancia, lentamente pouco a pouco o foi o mar cobrindo até vestir-lhe inteira a espumea mortalha, apagando-lhe o olhar no momento mesmo em que tambem nas brumas do horisonte a pequenina vela se apagava.

*
* *

Tambem aventuroso mar immenso são os tempos e, tão alto, embora, houvesse elle feito o aureo pedestal, que de toda a terra se avistasse o semideus, tambem no periodo fatal das suas marés a hora veiu de o mar subir, beijar-lhe os pés, subir, subir ainda até cubrir-lhe os hombros,

«*C'est ici le combat du jour et de la nuit,*»

disse então, elle que não procurava a morte, como Gilliat, mas que com firmeza egual a esperava. E emtanto o mar subiu, subiu fatal despiedado até lamber-lhe a um tempo dos labios e dos olhos estas duas lagrimas «*Adieu, Jeanne*» extremo alento, olhar extremo para a vela da vida, que ao longe lhe fugia com o coração, a esfumar-se nos nevoeiros negros da morte.

*
* *

Mas Victor Hugo não cabe n'uma vida humana. Essa é para nós e umas dezenas de annos nol-a perfazem. Para a sua, dezenas de seculos não bastam.

Gloria ao immortal.

O espirito humano está de lucto. Victor Hugo era, com toda a certeza, a maior culminação espiritual da raça latina n'este seculo. Era verdadeiramente um genio, quero dizer, tinha a maior intelligencia que póde existir n'um cerebro e a maior bondade que póde mover-se n'um coração.

Na montanha de luz, em que se levanta aquella figura immortal, ao lado de todos os attributos da sua immensa gloria litteraria, estarão sempre as provas vivas do seu coração, que foi tão genial como a sua cabeça. O amor das creanças, a defeza da mulher, a protecção dos desvalidos, a convicção da justiça, o odio da tyrannia, a paixão e o culto da liberdade humana, terão sempre emblemas e symbolos no pedestal das suas estatuas.

Posto em qualquer dos grandes capitulos da historia, o nome de Victor Hugo eguala, se não excede, os maiores nomes... Na Grecia, teria produzido a immensa obra de Eschylo; em Roma, vibraria a satyra como Juvenal e teria, como Lucrecio, mettido n'um poema a encyclopedia do seu tempo; na Edade-Media, seria visionario, sublime e creador como o Dante; é muito maior que Rabelais; é da raça de Shakspeare, mas tem, a seu favor, mais tres seculos de civilisação e de arte. .

Antonio Candido

Commemorar a perda de Victor Hugo, não é simplesmente indicar a perda de um grande poeta. Elle subiu á maior altura a que póde chegar um homem de genio No seu seculo, e na França, não conheço outro de mais elevada estatura. No mundo critico não vejo tambem outro de mais brilhante fama, nem de mais fulgurante gloria. Deixou no seu caminho, na sua propaganda humanitaria, um rasto luminoso. As suas obras acham-se immortalisadas em todos os idiomas civilisados.

Foi grande, enorme, a perda para a França.

Mas, Victor Hugo deixa no seculo uma luz, que não se apagará

A luz do seu genio, derramada em obras que se não destroem!

27 — 5 — 85.

Veiu a negra musa da eternidade, angelical e tragica, d'olhos lacrymosos e mão adunca, e levou o titanico e doce Poeta, — que inconfessadamente nos tinhamos habituado a considerar como que refractario á morte bruta e banal. Fez-se uma universalidade de dôr, que é um triumpho supremo do Pensamento. E parece que a propria natureza acaba de perder a sua mais formidavel força de genio, de justiça, e d'amor.

Monteiro Ramalho

Quando Paris inteiro commemorava o 80.º anniversario do Poeta, escrevia Paul Arene:

«*Ah! si au lieu de naitre en février, Victor Hugo était né en avril, en mai! Mais on ne saurait penser à tout, même quand on est un homme de génie. En avril, en mai, Sèvres et Meudon auraient dépouillé leurs coteaux pour le père de Cosette; on verrait les jacinthes pleuvoir et les muguets neiger sur la maison de l'avenue d'Eylau; les lilas marcheraient comme la fôret de Macbeth, et la circulation serait interdite dans Paris par des barricades de roses.*»

Parece que o genio procurou reparar na morte o erro que commettera ao nascer.

Eil-o partindo em maio, quando a natureza manifesta toda a pujança da sua fecundidade, quando as collinas desdobram as suas tapeçarias verdejantes, quando as arvores embalam nos seus ramos, os primeiros cachos dos seus fructos odoriferos, quando os jardins se enfeitam com as suas graciosas grinaldas multicores...

Maio encarrega-se dos funeraes do heroe As brisas tocam a reunir nos seus clarins delicados; os lyrios e os lilazes formam em alas para o saudar na passagem. Brigadas de jasmins precedem o carro, em volta do qual as rosas e as magnolias espalham as suas finissimas essencias, e em vez dos psalmos funebre dos homens, os passaritos esvoaçam pelo espaço gorgeando os seus trinados de amor. As brancas alvoradas de maio deixam cair as perolas dos seus orvalhos sobre aquelles labios entumecidos, que ensinaram ás avesitas e ás creanças, ás mulheres e aos infelizes, todo o poema do bem, todo o poema do amor. A Terra paramenta-se com todas as suas flores, os Astros vestem os seus uniformes scintillantes... Não é um dia de lucto, é um dia de gala. A Terra precisava d'aquelle corpo; os Astros precisavam d'aquelle espirito...

Quando a noite desenrolar o seu manto de pedrarias reflectirá em cada estrella o profundo olhar do gigante, em cada rosa o bom sorriso do deus.

Nascido com o seculo, póde dizer-se que Victor Hugo morreu com elle. Estes ultimos annos de velhice, que restam ao seculo XIX, serão como que um lento escoar-se para o tumulo, inglorio e obscuro, a que faltarão os fulgores, que o illuminaram na hora dos seus triumphos e da sua mocidade. E a sua historia, accidentada e brilhante, cheia de luctas e de aspirações generosas, abrolhada por tantos martyrios e cortada por tantos heroismos, respirando um santo amor pela liberdade e gemendo ainda sob o jugo de tanto despotismo, radiosa na luz vivissima de tantas conquistas e de tantas victorias alcançadas pelo espirito humano e esmagada ainda pela tortura de tanta miseria e de tanto soffrimento que não foi possivel minorar, essa historia synthetisa-se, retrata-se, reflecte-se em todos os seus cambiantes, na vida e na obra d'esse enorme poeta, em cuja alma cantaram todas as alegrias, sorriram todas as esperanças, vibraram todos os protestos e choraram todas as amarguras do seu tempo e da sua raça!

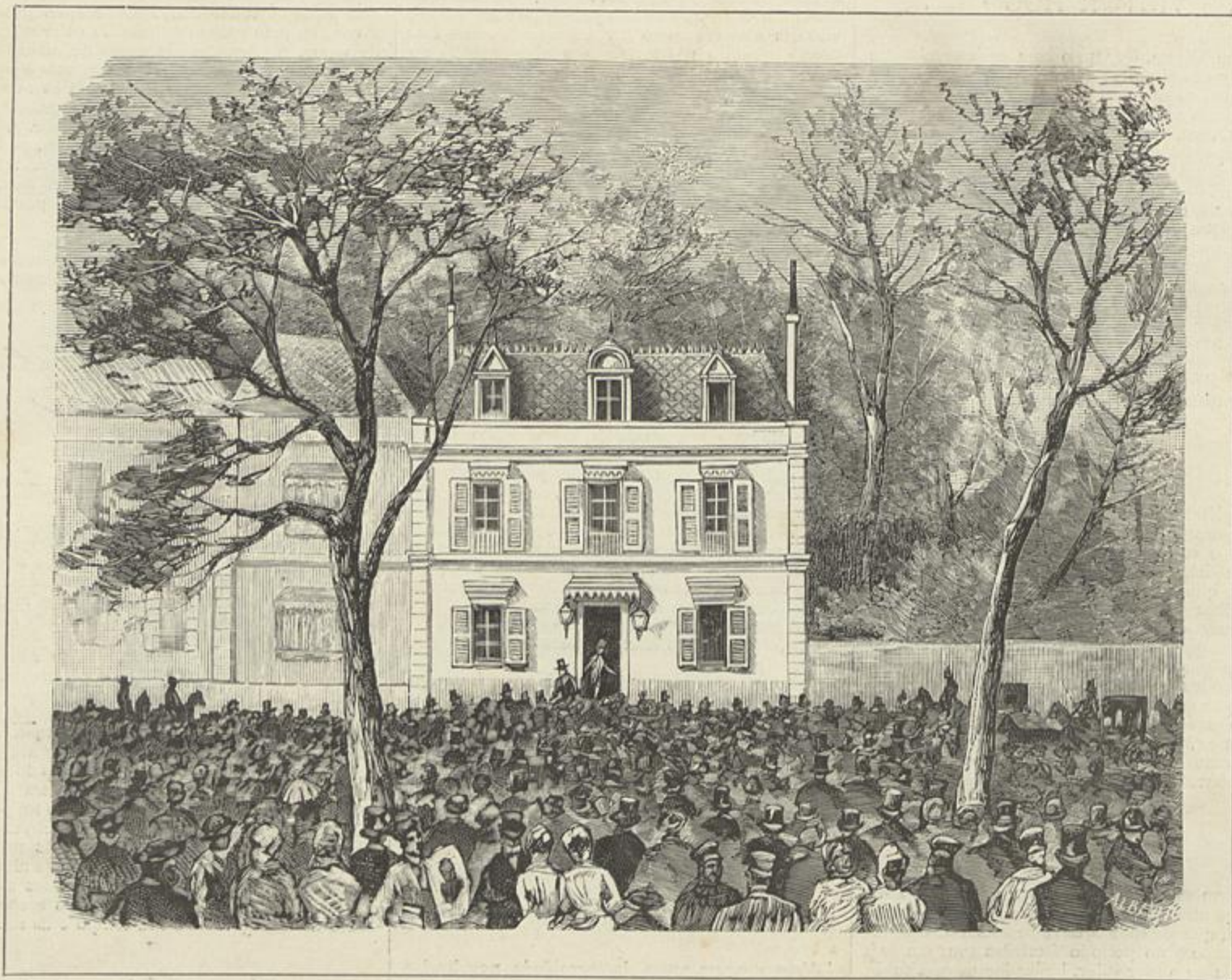
Carlos Lobo d'Avila

Ao emprehendermos ha mezes a publicação do *Grande Diccionario Contemporaneo Francez e Portuguez*, um sentimento de veneração e de respeito nos inspirou a idéa de submettermos a obra á apreciação de Victor Hugo. Um dia, portanto, sem outra recommendação mais que a simples apresentação das primeiras cadernetas, dirigimonos ao poeta, pedindo lhe que se dignasse dizernos o que pensava d'esse trabalho. Depois de ter examinado essas cadernetas, Victor Hugo respondeu-nos que concedia a sua approvação e o seu patrocinio ao nosso Diccionario.

Esta honra constituiu-nos n'uma divida inolvidavel de reconhecimento e gratidão para com o poeta da *Legende des siècles*. E impõe-nos hoje, visto que o seu nome glorioso ficou vinculado á nossa publicação, o stricto dever de a aperfeiçoarmos quanto possivel, para que ella conserve e porventura augmente esse merecimento ou esse lado util que fez com que o grande poeta a achasse digna de ser patrocinada pelo seu nome.

O auctor do *Grande Diccionario Francez e Portuguez*

Domingos de Azevedo

O editor do mesmo Diccionario

A casa de Victor Hugo, na avenida Victor Hugo — A população de Paris procurando noticias do poeta — 22 de maio de 1885

La gloire est le but où j'aspire!

Eis o anceio de Victor Hugo expresso na sua primeira ode.

Durante sessenta annos canta e glorifica, troveja e verbera.

Longo tempo vacillou a natureza em executar sobre elle a sua lei immutavel e eterna.

Chega porém um momento em que de golpe e improvisamente se cumpre o fatal decreto; então o universo inteiro, em coro unanime e unisono, levanta o hymno da gloria, ao poeta que só a ella aspirava.

Eil-o que penetra os umbraes do templo da immortalidade, formando-lhe a apotheose Eschylo e Dante, Pindaro e Camões.

28 de maio de 1885.

J. J. de Brito Rebello

O humanismo do seculo XIX teve em Victor Hugo, synthese formosa e adoravel, a mais brilhante manifestação. Elle foi um primoroso artista do pensamento coroado pelo ouro do milionario, um duplo assombro que representava a um tempo as duas nobrezas dominantes — o talento e o dinheiro.

Este seculo traduziu assim, em metal, a sua admiração por Victor Hugo. Aos que lhe succedam caberá comprehensão mais levantada e bella das grandes e generosas idéas, de que se formava a luz immensa d'aquelle cerebro enorme que deslumbrou o mundo.

Para elles appelamos.

A CASA DE VICTOR HUGO

É um templo onde se reunem as consagrações do mundo inteiro. Não tem a grandeza das naves nem a sumptuosidade da architectura das cathedraes, mas tem a veneração das gentes que em cada logar d'essa casa levanta um altar de respeitos, de admiração e de saudades pelo poeta da humanidade, que a cantou desde as suas maiores glorias até ás suas maiores miserias.

Tudo quanto está sob aquelle tecto tem hoje um valor inestimavel, são outras tantas reliquias que fizeram parte da vida do poeta, que elle apalpou, que elle mais tinha sob os seus olhos, que elle gosou, que lhe escutaram as suas expanções intimas, que foram testemunhas das suas alegrias e dos seus pezares.

Em torno d'aquella casa agrupa-se a humanidade representada nos individuos de todas as procedencias, que alli vão levados pela fatal nova — morreu Victor Hugo,

Todos querem ver o poeta, todos querem ouvir as suas ultimas palavras, e não acertam a crer que elle morresse, porque o consideravam immortal.

As eras que se interlaçam pelos muros do jardim, são colhidas com uma avareza que nem que fossem diamantes. Se não fosse barbaro e as leis não defendessem a propriedade, em pouco, nada restaria d'aquella casa; todos quereriam possuir um fragmento d'ella.

De ora avante ha mais um logar celebrado a visitar. Quem transpozer os humbraes d'aquella modesta casa descobrir-se-ha reverente.

Victor Hugo não morreu!

Todos alli o procuram; mas na sala já não perpassa o alegre cortejo das creanças sobrepujadas de flôres, o quarto está deserto, a cama vazia; na casa de jantar os estremecidos netos já não jantam com o avô; no gabinete do trabalho já se não escuta o ruido da penna de rama por sobre as folhas de papel de Hollanda; a alva cabeça do octagenario já não assoma aquellas janellas a receber as acclamações da multidão.

Então está tudo acabado?

Não! A prova é, que o procuraes, que vos attrahe, que vive no vosso espirito e melhor viverá no espirito dos seculos futuros, para os quaes elle ainda mais viveu que para o presente.

A casa ha de cahir com o tempo. Victor Hugo só acabará com a humanidade.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.